



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

EDVANIA SANTOS PÔRTO

**A LEITURA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

CAMPINA GRANDE
2019

EDVANIA SANTOS PÔRTO

**A LEITURA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE
2019

P8531 Pôrto, Edvania Santos.

A leitura em um livro didático de português: reflexões necessárias / Edvania Santos Pôrto. – Campina Grande, 2019.

37 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Manassés Morais Xavier".

Referências.

1. Livro Didático. 2. Ensino Médio. 3. Leitura. 4. Ensino de Leitura. I. Xavier, Manassés Morais. II. Título.

CDU 37.012:028(075)(043)

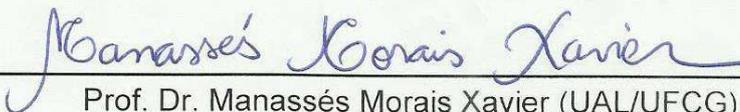
EDVANIA SANTOS PÔRTO

**A LEITURA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS:
REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

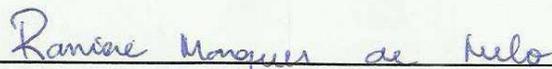
Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovada em 15/07/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Manassés Morais Xavier (UAL/UFCG)
Orientador



Prof. Ms. Raniere Marques de Melo (PROLING/UFPB)
Examinador

CAMPINA GRANDE
2019

A Deus, a meu esposo, Paulo Anderson, e a meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por seu amor e graça, por ter me dado forças quando eu, por muitas vezes, quis desistir. E por ter me ajudado a conseguir concluir este ciclo de minha vida.

A meu esposo, Paulo Anderson, que me apoiou desde o início e me incentivou a concluir este trabalho. À minha família, Mãe e Pai, por todo seu amor.

A meu orientador, que com seu grande coração me ajudou de diversas formas a conseguir, literalmente, escrever meu trabalho. Além de suas orientações, deu-me ânimo e palavras amigas, que me ajudaram chegar até a conclusão.

A minha turma do semestre 2012.2, que me mostrou que podemos ter verdadeiros amigos no mundo universitário. Que me ajudou e me deu forças para não desistir. Agradeço a todos, de todo meu coração, pelo amor e carinho divididos nestes maravilhosos anos: Mayra Lira, Josielton Alves, Rafaela Nóbrega, Fernanda Gurjão, Dayane Monteiro e Joseane Costa.

Agradeço aos professores e funcionários da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), não só pelo aprendizado acadêmico que me foi transmitido, como também lições que vou levar para vida. Aos meus professores, o meu muito obrigado!: Manassés, Washington, Aloísio, José Mário, Hélder, Maria Angélica, Sandra Sueli, Paloma, Milene Bazarim, Márcia Tavares, Márcia Candeia, Nathália, Samelly e Marta Nóbrega.

Ao professor Raniere Marques de Melo, por ter aceito ler este trabalho e pelas contribuições advindas de sua leitura atenta: obrigado!

RESUMO

O livro didático, considerado o material de maior apoio ao ensino, é o componente mais utilizado em sala de aula, por professores e alunos. Partindo dessa premissa, a pesquisa se constitui das seguintes questões-problema: 1) Qual a abordagem que um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio apresenta a respeito da leitura?; e 2) A abordagem acontece de forma tradicional ou faz uma reflexão da leitura, dentro do meio social e cultural? Para responder a esses questionamentos, elegemos como objetivo geral da pesquisa analisar a abordagem que o livro didático “Interpretação de Textos”, dos autores William Cereja e Ciley Cleto (2013) traz em sua estrutura. Do ponto de vista dos objetivos específicos, elencamos: 1) identificar a abordagem que o livro didático de Língua Portuguesa apresenta a respeito da leitura 2) refletir sobre a abordagem encontrada no livro didático em função da formação do aluno e do trabalho docente e 3) contribuir com discussões acadêmicas a respeito da inter-relação entre ensino de leitura e livro didático. Para a efetivação de nosso trabalho, utilizamos como contribuição da pesquisa a visão teórica de autores como Koch e Elias (2011), Jouve (2002), Oliveira (2010a), Lakatos e Marconi (2003), Marcuschi (2012), dentre outros. Em se tratando da metodologia, nossa pesquisa é de tipologia documental e qualitativa; e fizemos uso do livro didático *Português Linguagens*, de Cereja e Cleto (2013), como *corpus*. Obtivemos como resultados principais na visão acerca do ensino da leitura: o livro analisado utiliza textos com uma grande diversidade de conteúdo, mas suas atividades não exploram tanto quanto poderiam a leitura e ponto de vista do aluno. O livro inova ao usar gêneros discursivos cheios informações e conteúdos que refletem o meio social e cultural da sociedade. No entanto, boa parte de atividades de leitura resumem-se à localização de sentidos, não abrindo vazão para a expansão de sentidos.

Palavras-chave: Livro Didático. Ensino Médio. Leitura. Ensino de Leitura.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Capa do livro didático analisado-----	18
FIGURA 02 – O que é leitura?-----	22
FIGURA 03 – O que é leitura?-----	24
FIGURA 04 – Texto verbal e texto não verbal-----	25
FIGURA 05 – Texto verbal e texto não verbal-----	26
FIGURA 06 – Texto verbal e texto não verbal-----	27
FIGURA 07 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso-----	29
FIGURA 08 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso-----	30
FIGURA 09 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso-----	31
FIGURA 10 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso-----	32
FIGURA 11 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso-----	33
FIGURA 12 – Gêneros do discurso-----	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	08
2 A LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: CAMINHOS ENTRELAÇADOS -----	10
2.1 A leitura e seu acontecimento-----	10
2.2 O ensino da leitura e suas multiformas-----	12
2.3 O livro didático de português-----	15
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA -----	18
4 A LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS EM FOCO -----	22
4.1 A concepção de leitura definida pelo livro-----	22
4.2 A leitura em função da linguagem verbal e não verbal-----	25
4.3 A leitura em função do discurso-----	28
4.4 A leitura em função dos gêneros do discurso-----	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	36
REFERÊNCIAS -----	37

1 INTRODUÇÃO

O livro didático é um dos principais instrumentos utilizados pelo professor em sala de aula. É um material que fornece um direcionamento, uma orientação maior sobre os conteúdos que serão lecionados pelo professor. Além disso, é também um apoio para o docente no momento de organizar suas aulas.

Por isso, se faz necessário que analisemos os fatos que comprovam a eficácia desse instrumento tão utilizado em sala de aula. Um recurso valioso que ajuda os alunos no processo de aprendizagem. Instrumento esse que tem auxiliado o docente, há tantos anos, a construir o conhecimento, dinamizar e traçar suas aulas.

Para isto, baseamos nosso trabalho de pesquisa monográfica em um livro didático do ensino médio, com o intuito de analisar o ensino da leitura, observando como ela é proposta pelo livro didático de português (LDP) e como suas atividades são desenvolvidas.

Para isto, partimos das seguintes questões-problema: 1) Qual a abordagem que um livro didático de Língua Portuguesa do Ensino médio realiza a respeito da leitura?; e 2) A abordagem acontece de forma tradicional ou faz uma reflexão da leitura, dentro do meio social e cultural?

Para responder a esses questionamentos, elegemos como objetivo geral da pesquisa analisar a abordagem que o livro didático “Interpretação de Textos”, dos autores William Cereja e Ciley Cleto (2013), realiza em suas atividades de leitura. Escolhemos esse livro pelo fato de ele tratar especificamente do conteúdo leitura e escrita.

Do ponto de vista dos objetivos específicos, elencamos: 1) contribuir com discussões acadêmicas a respeito da inter-relação entre ensino de leitura e livro didático; 2) identificar a abordagem que o livro didático de Língua Portuguesa apresenta a respeito da leitura; e 3) refletir sobre a abordagem encontrada no livro didático em função da formação do aluno e do trabalho docente.

Elegemos esse tema, pelo fato de percebermos as dificuldades encontradas ao longo dos anos em excogitar a prática da leitura nos livros didáticos, tanto da

parte dos professores ministrarem suas aulas, como das dificuldades da abordagem desse conteúdo em tais materiais.

Julgamos ser essencial essa discussão, pois este material ajudará a refletir sobre a prática da leitura no LDP, sendo essa prática parte essencial do aprendizado escolar.

Para nossa metodologia de pesquisa, utilizamos do livro didático “Interpretação de Textos”, dos autores William Cereja e Ciley Cleto (2013), pela Editora Saraiva, e elencamos quatro categorias de estudo do conteúdo Ensino da Leitura, a saber: 1- O que é leitura?; 2- Texto Verbal e Texto não Verbal; 3- Texto e Discurso/Intertexto e Interdiscurso; e 4- Gêneros do Discurso. Nosso trabalho é caracterizado como documental e qualitativo, uma vez que é baseado no estudo do livro didático de Língua Portuguesa para nortear nossa pesquisa científica.

Tomamos como referencial teórico de estudos as contribuições de autores como Koch & Elias (2011), Jouve (2002), Oliveira (2010a), Lakatos & Marconi (2003), Marcuschi (2012), dentre outros que tratam sobre tal temática.

O texto da monografia está organizado da seguinte forma: esta introdução; um capítulo teórico que trata da relação entre concepções de leitura, ensino de leitura e livro didático; outro capítulo que reúne as discussões metodológicas da pesquisa; outro que apresenta a discussão analítica do trabalho com recortes extraídos do LDP em questão; considerações finais e lista de referências bibliográficas.

Este trabalho tem o propósito de mostrar que o livro didático não precisa e não pode ser o único mediador de ensino entre aluno e professor. Que ele possui características relevantes para a construção do ensino e é de fato eficaz. Mas o professor precisa dar sua contribuição, cuja a mesma não é pequena. O livro escolhido por nós mostra essa realidade: a de que a exposição do conteúdo é bem posta, mas a intervenção do professor é indispensável.

2 A LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: CAMINHOS ENTRELAÇADOS

2.1 A leitura e seu acontecimento

A leitura é um processo de aprendizagem que a maioria dos indivíduos passa e que nos permite expandir nossos conhecimentos e encurtar o caminho da dúvida. Através da leitura, o indivíduo expande a sua visão de si mesmo, bem como do mundo em que vive e da sociedade na qual está inserido. Moura e Martins (2012, p. 87) destacam que:

[...] a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias. (MOURA; MARTINS, 2012, p. 87)

Através da leitura, é possível entender e compreender uma enormidade de conteúdos, transformando-nos em sujeitos reflexivos. Ela também tem o poder de mudar nossas opiniões e ideias, pois como mencionam Souza e Porto (2015, p. 2017), "a leitura é ação viva, que desempenha papel fundamental na geração de sujeitos pensantes atuantes no mundo social, porque através dela somos reconhecidos como parte da humanidade."

A partir dessas reflexões, podemos nos questionar sobre algumas indagações quando nos remetemos a leitura como: Quais conhecimentos são necessários para a leitura? A leitura é uma atividade exclusivamente linguística? Refletindo a esse respeito, Oliveira (2010a) nos expõe que não, ao dizer que isso se deve ao fato de a leitura exigir dos usuários da língua conhecimentos prévios de tipos diferentes: conhecimentos linguísticos, conhecimentos enciclopédicos ou de mundo, e conhecimentos textuais. "O ato de ler necessita de vários aspectos para que o mesmo seja efetivado com sucesso." (OLIVEIRA, 2010a, p. 60). Sendo assim, podemos chegar a conclusão de que a leitura não é uma atividade de exclusividade linguística.

Ainda de acordo com Oliveira (2010a), os conhecimentos linguísticos são os de morfologia, ortografia, fonologia, semânticos e sintáticos. No que diz respeito aos conhecimentos enciclopédicos, esses são os de conhecimentos gerais, os que já

dominamos, culturais, sociais, enquanto que os conhecimentos textuais são os conhecimentos das estruturas de texto. Conhecimentos esses que, juntos, contribuem de forma eficaz na compreensão e entendimento de um texto, seja ele escrito ou não.

A respeito dos conceitos de leitura, temos também Koch e Elias (2011) que citam as concepções de leitura que o leitor pode adotar: concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido. Essas autoras apresentam três vertentes relacionadas à como concebemos a leitura: foco no autor, foco no texto e foco na interação autor-texto-leitor.

A leitura com foco no autor "[...] é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor." (KOCH; ELIAS, 2011, p. 10). Essa concepção prioriza a fala do autor e as suas concepções, cabendo ao leitor, apenas, captar tais ideias, tudo o que está dito.

Já na perspectiva de leitura com foco no texto, "[...] cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto." (KOCH; ELIAS, 2011, p. 10). Esse modelo concebe a leitura como decodificação das palavras e frases. O sentido conserva-se no significado das palavras que já estão predispostas no texto.

No tocante à leitura com foco na interação autor-texto-leitor, podemos encontrar uma relação bem diferente das já apresentadas, pois "[...] os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto." (KOCH; ELIAS, 2011, p. 10-11). Nesse âmbito, a leitura passa a acontecer levando em consideração não só as informações contidas no texto, mas, também, todo o conhecimento prévio que o leitor possui.

A leitura, com seu imenso universo de diretrizes e perspectivas, traz, ainda, mais reflexões a serem destacadas. Segundo Jouve (2002, p. 17), "A leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções.". O autor faz uma exposição de cinco sínteses fundamentadas por Gilles Thérien. A primeira delas é a leitura como um processo neurofisiológico, onde "[...] ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos." (JOUVE, 2002, p. 17). De acordo com essa ótica, a leitura, antes de qualquer coisa, exige do corpo humano suas contribuições para, então, prosseguir com os processos envolvidos à leitura.

Posteriormente, temos a leitura como um processo cognitivo, que acontece logo após o leitor decifrar os signos. Segundo esse aspecto, o leitor passa agora a tentar compreender o texto. O autor expõe que

[...] quando os textos são mais complexos, o leitor pode ao contrário sacrificar a progressão em favor da interpretação, detendo-se sobre este ou aquele trecho, procura entender todas as suas implicações [...] o texto coloca em jogo o saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura. (JOUVE, 2002, p. 19).

Após o leitor passar pelo processo neurofisiológico, agora ele parte para a compreensão do texto. É nesse momento em que o leitor começa a utilizar artifícios para conseguir uma leitura com entendimento. Assim, o leitor adota práticas de leitura como, Jouve (2002) citando Roland Barthes (1973), destaca: "[...] uma vai direto para as articulações da história, considera a extensão do texto, ignora os jogos de linguagem (...), a outra não deixa passar nada." (BARTHES, 1973 *apud* JOUVE, 2002, p. 22-23).

Jouve (2002) ainda expõe a leitura como um processo afetivo, que acontece quando o leitor se envolve emocionalmente com o texto e/ou personagens contidos nele. O estudioso aponta que "[...] o papel das emoções no ato de leitura é fácil de se entender: prender-se a uma personagem é interessar-se pelo que lhe acontece, isto é, pela narrativa que a coloca em cena" (JOUVE, 2002, p. 20).

Em seguida Jouve (2002) cita mais um processo de leitura, o argumentativo. Nesse ponto, a leitura influencia o leitor para a opinião exposta pelo autor. O autor se utiliza de elementos argumentativos para convencer o leitor disso ou daquilo. O leitor coloca sua opinião sobre o que está sendo dito e concorda ou discorda do autor. Na leitura como um processo simbólico, o leitor lê o texto em consonância ao tempo atual em que ele vive. Cada tempo (com sua cultura) define o modo da leitura que vai ser feita.

2.2 O ensino da leitura e suas multiformas

O ensino da leitura em sala de aula possui vários aspectos sobre os quais podemos refletir, desde qual a concepção de leitura adotar até como ensinar a ler. A esse respeito, Oliveira (2010a) diz que "*Aprender e ensinar* são termos que causam muita controvérsia quando se tenta defini-los, porque suas definições dependem da

forma pela qual concebemos esses dois atos [...]" (OLIVEIRA, 2010a, p. 24, *itálicos do autor*). Tudo vai depender de qual concepção adotamos para que o ensino e a aprendizagem possam acontecer.

As concepções citadas por Oliveira (2010a) são o inatismo, o behaviorismo e o interacionismo. O inatismo é a concepção que tem o ser humano como um sujeito que não sofre mudanças culturais nem sociais após seu nascimento. O que nasce com ele, não sofre modificações. As experiências, a cultura em que ele estiver inserido e a sociedade, não influenciam o indivíduo. O behaviorismo, outra concepção exposta por Oliveira (2010a), diz que o meio ambiente é que é responsável pelo comportamento do indivíduo. O externo que influencia, que modifica, educa e transforma.

A terceira concepção apresentada por Oliveira (2010a) denomina-se de interacionismo e é o que "[...] vê o aprendizado como um processo de interação que envolve três fatores fundamentais: o aprendiz, os elementos de sua natureza biológica e o meio ambiente sociocultural em que ele está inserido." (OLIVEIRA, 2010a, p. 28).

Analisando as três concepções aqui apresentadas - o inatismo, o behaviorismo e o interacionismo -, podemos perceber que a concepção interacionista é a mais pertinente para o ensino e a aprendizagem da leitura, pois ela leva em consideração diversos aspectos importantes como: o conhecimento que o leitor já possui (de mundo), o biológico e a cultura. Esses elementos, segundo o interacionismo, não podem encontrar-se desassociados.

O ensino da leitura sob essa perspectiva torna o professor parte do processo de aprendizagem. Nesse momento, o professor passa a mediar o ensino da leitura, facilitando a aprendizagem através de inúmeros meios. O ato de ensinar a ler vai muito além de apenas decodificar signos, e sim, como elucidam as autoras Moura e Martins (2012, p. 90):

[...] o trabalho pedagógico com a leitura visa possibilitar ao aluno o contato com diversos contextos de uso da linguagem, orais ou escritos, para aprender a adequá-la às diversas situações vividas no cotidiano. Nesse contexto de interação entre professor, aluno e texto, o papel do professor é o de mediador [...].

Assim, a leitura passa de uma simples atividade cansativa e obrigatória, para um exercício com sentido e finalidade.

É pertinente destacar que há meios e maneiras que o professor pode utilizar para facilitar o ensino da leitura. Oliveira (2010a) acentua que em sala de aula, antes de iniciar uma leitura, é importante notificar os alunos sobre qual o objetivo da leitura que vai ser realizada por eles. Ou poderá acontecer uma situação que acaba sendo recorrente em sala de aula, na qual "[...] o aluno acaba lendo sem objetivos, apenas porque o professor lhe disse para ler." (OLIVEIRA, 2010a, p. 67).

Além disso, há um ponto interessante citado pelo autor relacionado à leitura, a pré-leitura, isto é, para auxiliar os alunos antes de lerem, fazer algumas atividades que os direcionem para o objetivo do texto. Oliveira (2010a, p. 67) cita dois pontos que serão positivos com estas atividades quando esclarece:

[...] (1) levar os alunos a ativar seus esquemas mentais relacionados ao tema do texto e (2) ajudar o professor a diagnosticar problemas que os alunos possam enfrentar na leitura, relacionados a seus conhecimentos enciclopédicos, linguísticos e textuais e, caso haja problemas ou dificuldades, a decidir por ações que possam ajudar seus alunos a proceder a leitura do texto.

Mesmo que o livro didático não auxilie ou não instrua a uma atividade de pré-leitura, é válido fazer esse processo, pois, além de aguçar a curiosidade e estimular os alunos para a leitura que acontecerá, facilita a compreensão das ideias que serão expostas pelo texto.

O ensino de leitura é de grande relevância, mas isso não basta como justificativa, pois ensinar a ler é muito mais que apenas decodificar palavras, muito mais que ler qualquer texto e responder exercícios de identificação. A leitura precisa acontecer com algum objetivo e inserida no contexto dos alunos. Os alunos precisam estar interessados pelo que será lido, pois, conforme Soares (2014) declara, "[...] um grave problema é que existem pessoas que se preocupam com a alfabetização sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos" (SOARES, 2014, p. 57). É necessário envolver os alunos previamente e durante a leitura.

É papel do professor refletir coletivamente sobre a leitura que será feita posteriormente. Acionando a mente dos alunos, fazendo com que eles passem a ser críticos do assunto que virá seguir, proporcionar aos alunos o envolvimento com o

assunto, considerando o meio social em que eles vivem e a realidade dos seus cotidianos.

2.3 O livro didático de português

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937, a saber: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Em 1937, o Decreto-Lei nº 93, de 21 de dezembro deste ano, cria o Instituto Nacional do Livro que tinha como objetivo:

[...] organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições; b) editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional; c) promover as medidas necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país, bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros; d) incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional. (DECRETO-LEI nº 93, 1937)¹

Em 1938 é instituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), responsável pelo controle de produção e circulação do livro didático no país.

Em 1976, conforme disposto no Artigo 13 da Lei nº 5.327, a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) se tornou responsável pela execução do programa do livro didático, concordante o Artigo 4º,

A Fundação Nacional do Material Escolar, que não terá fins lucrativos, visará à produção e distribuição, pelo preço de custo, do material escolar e didático, contribuindo, assim, para a melhoria quantitativa e qualitativa, maior facilidade de aquisição e utilização do referido material. (LEI nº 5.327, 1976)².

A partir desse momento, o governo iniciou a compra dos livros com recursos do FNDE. Substituindo a FENAME, é criada, em 1983, a Fundação de Assistência

¹ Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

² Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

ao Estudante (FAE). Em 1985, o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF) torna-se o PNLD, causando as seguintes mudanças, como:

[...] Indicação do livro didático pelos professores; Reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos; Extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunitárias; Fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo decisório para a FAE e garantindo o critério de escolha do livro pelos professores. (FNDE, 1985)³

Com todas essas mudanças e implementações de organizações, o Livro Didático passou a ser submetido a análises e avaliações pedagógicas, visando uma melhor qualidade para o ensino. O Livro Didático é uma ferramenta que fornece suporte para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Batista & Rojo (2005, p. 15) destacam que o livro didático tem por finalidade:

[...] auxiliar no ensino de uma determinada disciplina, por meio da apresentação de um conjunto extenso de conteúdos do currículo, de acordo com uma progressão, sob a forma de unidades ou lições, e por meio de uma organização que favorece tanto usos coletivos, quanto individuais.

Em relação aos critérios de análise na escolha dos Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDLP), Marcuschi (2012, p. 49) expõe que:

[...] eles deveriam contemplar sem erro ou indução a erro, os quatro eixos de ensino: leitura, escrita, análise linguística e oralidade e que o Manual do Professor deveria não apenas contribuir para uma correta utilização do livro do aluno, mas também propiciar a formação e a atualização docente. Além desses, também ficou estabelecido, como critérios eliminatórios, que as coleções não poderiam expressar preconceitos ou estereótipos de origem, raça, sexo, cor, idade, nem vincular proselitismo político e religioso ou propagandas. Do ponto de vista metodológico, para serem aprovadas, as obras deveriam propiciar situações de ensino-aprendizagem adequadas, coerentes, e que envolvessem o desenvolvimento e o emprego de diferentes procedimentos cognitivos (como a observação, a análise, a elaboração de hipóteses, a memorização, a compreensão global, etc.).

³ Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

Uma avaliação feita minuciosamente, verificando todos os detalhes relevantes, analisando o modo como os conteúdos são expostos e as atividades formuladas, fará com que a escolha do livro seja mais assertiva. O resultado, entre outros, será um melhor auxílio ao professor, bem como um maior interesse do aluno.

O uso do Livro Didático para ensino de leitura auxilia o professor no processo de ensino, assim como no processo de produção das atividades, uma vez que o livro traz um grande suporte para o ensino:

[...] a importância do livro didático não se restringe aos seus aspectos pedagógicos e às suas possíveis influências na aprendizagem e no desempenho dos alunos. O livro didático também é importante por seu aspecto político e cultural, na medida em que reproduz e representa os valores da sociedade em relação a sua visão da ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento. (PATRIOTA, 2011, p. 57).

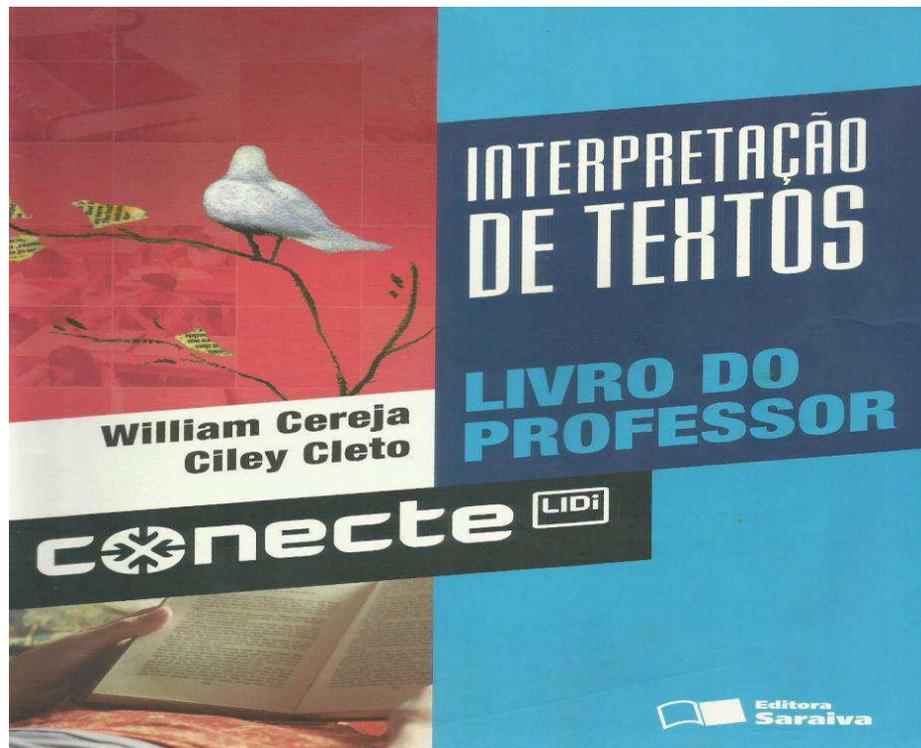
O Livro Didático tem uma influência social na vida do aluno e isso faz com que reconsideremos o valor que damos a esse instrumento de aprendizagem, especialmente, quando pensamos que, em muitos casos, o Livro Didático é a única fonte de auxílio no processo de ensino e de aprendizagem para o aluno.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como *corpus* da nossa pesquisa, utilizamos o livro didático “Interpretação de Textos”, de William Cereja e Ciley Cleto, da editora Saraiva, indicado para o Ensino Médio. Neste capítulo, situamos a abordagem do conteúdo no livro didático. Essa abordagem será feita da Unidade I, nos capítulos I, II, III e IV intitulados, respectivamente: ‘O que é leitura?’, ‘Texto Verbal e Não Verbal’, ‘Texto e Discurso/ Intertexto Interdiscurso’ e ‘Gêneros do discurso’.

A seguir, apresentamos a capa do material didático em questão.

FIGURA 01 – Capa do livro didático analisado



Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, Capa)

A tipologia de nosso trabalho de pesquisa é de natureza documental e qualitativa, através da qual temos como objetivo de estudo a análise da abordagem da leitura contida num livro didático de Língua Portuguesa. Lakatos e Marconi (2003, p. 174) definem a pesquisa documental como “[...] a fonte de coleta de dados que está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina fontes

primárias”. Faremos uma análise dos dados que foram coletados do livro e dos capítulos já mencionados.

Em relação à pesquisa de tipologia documental, Oliveira (2010b, p. 69) apresenta que

[...] bastante semelhante à pesquisa bibliográfica, a documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação.

Os autores Gil (2008), Oliveira (2010b) e Moreira e Caleffe (2008) expõem que ainda que possuam pequenas divergências entre os métodos de pesquisa, há diferenças entre pesquisa documental e bibliográfica. Gil (2008, p. 51) afirma que

[...] a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam, ainda, um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa bibliográfica.

Ainda em relação à pesquisa documental e sua relevância, Ludwing (2009, p. 63) assevera:

[...] podemos conceituar a análise documental como um recurso que permite identificar informações em documentos a partir de questões ou hipóteses anteriormente estabelecidas. Os documentos, enquanto elementos de pesquisas, são muito importantes, pois revelam-se como fontes ricas e estáveis, podem ser consultados várias vezes, servem de base a diferentes estudos, fundamentam afirmações do pesquisador, além de complementar informações obtidas por meio de outras técnicas.

Quanto à pesquisa ser qualitativa, justifica-se pelo fato de avaliarmos a realidade dos fatos e como estão produzidos. Oliveira (2010b, p. 37) elucida a pesquisa qualitativa “[...] como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estrutura”. Em uma pesquisa qualitativa, ainda de acordo com Oliveira (2010b, p. 59), tentamos “[...]”

explicar os resultados das informações obtidas, mais profundamente”. É estudar um determinado fato detalhadamente.

Dessa forma, explanaremos a nossa pesquisa e discutiremos sobre a abordagem que será feita no Livro Didático de Português - LDP - escolhido para análise e citado anteriormente.

O livro didático é um instrumento bastante utilizado por professores e alunos em sala de aula. Por esse motivo, a escolha do LDP para esta pesquisa. O livro escolhido foi “Interpretação de Textos”, livro do professor, dos autores William Cereja⁴ e Ciley Cleto⁵. O livro abrange assuntos referidos para o Ensino Médio, de volume único, sendo a 2ª edição no ano de 2013.

O livro é dividido em três unidades, apresentadas na seguinte estrutura: a primeira é intitulada “A Leitura e a Interpretação de Textos” (com quatro capítulos); a segunda é intitulada “Competência Leitora e Habilidades de Leitura” (com onze capítulos); e a terceira é intitulada “A Leitura nas Provas do ENEM e dos Vestibulares” (com treze capítulos).

Para maior compreensão da unidade que analisaremos, apresentamos o quadro a seguir que mostra como é formado cada capítulo:

QUADRO – A leitura e a interpretação de textos

A leitura e a interpretação de textos			
1-O que é leitura? Uma discussão sobre o que é leitura.	2- Texto verbal e texto não verbal Atividades sobre o assunto	3 - Texto e discurso, Intertexto e Interdiscurso Atividades sobre o assunto	4- Gêneros do discurso Apresenta o conteúdo e atividades sobre o assunto

Fonte: A pesquisadora

⁴ O referido autor é professor Graduado em Português e Linguística e Licenciado em Português pela Universidade de São Paulo, Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo, Doutor em Linguística Aplicada e Análise do Discurso pela PUC-SP.

⁵ A referida autora é professora Graduada e Licenciada em Português pela Universidade de São Paulo, Mestra em Linguística e Semiótica pela Universidade de São Paulo.

O quadro apresenta como estão divididos os capítulos da Unidade I, no que se refere à leitura e interpretação textual. No capítulo 1, os autores iniciam fazendo uma exposição do que é leitura, utilizando alguns autores/escritores e fontes para argumentação. Chegando ao capítulo 2, o livro trata do Texto verbal e não verbal, utilizando cartoon e pintura como textos não verbais e um poema como texto verbal, após isso ele inicia algumas atividades para que o aluno faça a interpretação dos textos. Em relação ao capítulo 3, o livro apresenta o Texto e o Discurso/Intertexto e Interdiscurso. Os autores começam o capítulo com duas pinturas relacionadas, uma citação de Mikhail Bakhtin, iniciando logo depois uma atividade sobre o conteúdo do capítulo. Finalizando a Unidade I, o capítulo 4 trata de Gêneros do discurso, trazendo alguns gêneros textuais para o aluno analisar e logo depois atividades relacionadas ao conteúdo.

Os critérios de seleção adotados por nós para a escolha dessa livro didático refere-se ao fato de ser um material atual e de circulação, sobretudo em alguns municípios da Paraíba, como é o caso da cidade de Pocinhos. A escolha da leitura enquanto modalidade da língua objeto de estudo desta monografia, deveu-se, principalmente, por, ao longo de nossa formação inicial, verificarmos dificuldades de leituras dos alunos. A nossa experiência nos Estágios de Língua Portuguesa nos revelaram isso.

A seguir, apresentaremos a análise dos dados no tocante à discussão que é foco do presente trabalho.

4 A LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS EM FOCO

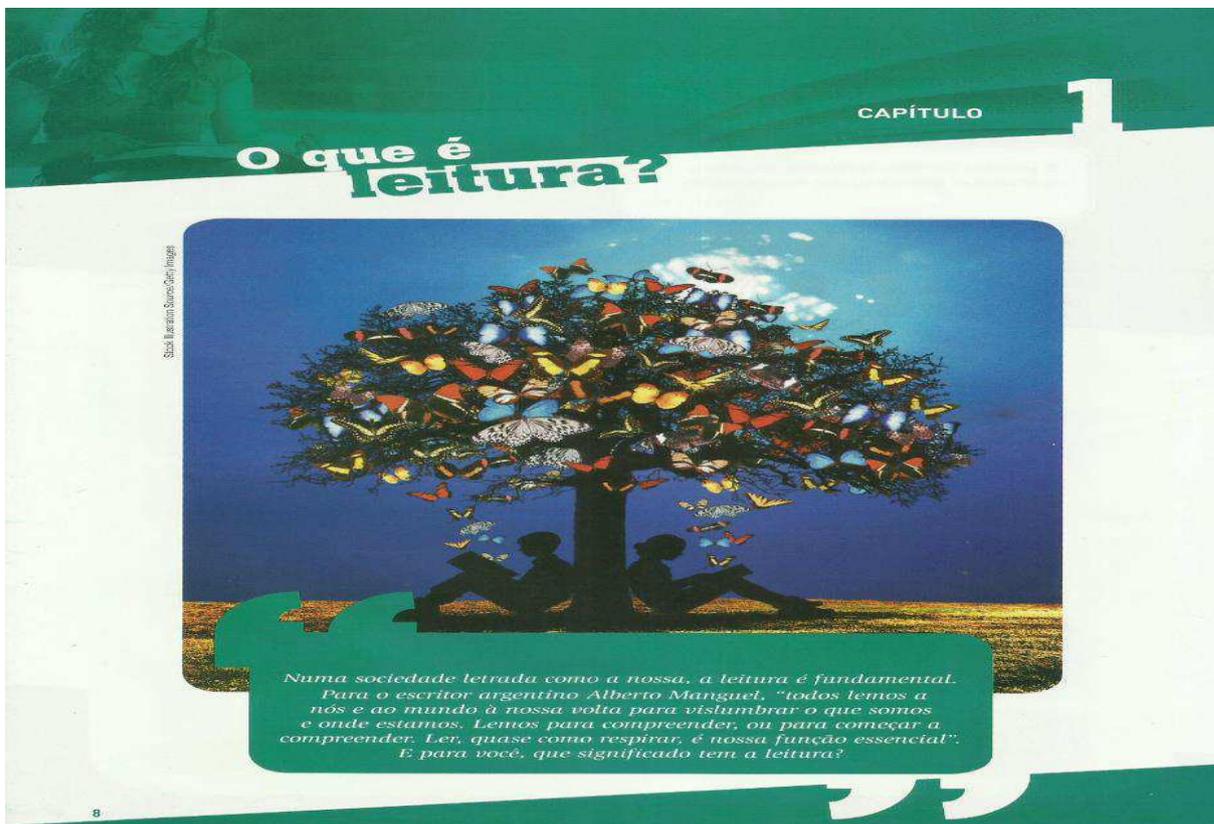
Este capítulo objetiva apresentar os dados da pesquisa. Esses dados, como anteriormente foram apresentados no capítulo metodológico, foram organizados em quatro categorias de análise, a saber: 4.1 A concepção de leitura definida pelo livro, 4.2 A leitura em função da linguagem verbal e não verbal, 4.3 A leitura em função do discurso e 4.4 A leitura em função dos gêneros do discurso.

4.1 A concepção de leitura definida pelo livro

Conforme já mencionamos, escolhemos a Unidade I, composta de quatro capítulos, para nossa pesquisa. O capítulo 1 do livro escolhido para nossa análise inicia com uma citação de Alberto Manguel para instigar a reflexão a respeito de como a leitura é fundamental na nossa sociedade, bem como para o próprio indivíduo.

A seguinte imagem encontra-se na página 08 do livro.

FIGURA 02 – O que é leitura?



Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p. 08)

Nas páginas 09 e 10, Cereja e Cleto (2013) expõem algumas opiniões sobre o que é a leitura, e a importância da mesma, a partir de alguns depoimentos de autores/escritores famosos, como Rubem Alves, Marilena Chauí, Roger Chartier e Alice Ruiz. A abordagem é dinâmica e explora bastante conhecimento sobre o assunto, fazendo com que o aluno perceba a dimensão da importância da leitura e o quanto ela é relevante para sua vida. Além disso, ainda traz atividades que solicitam a opinião dos alunos e instiga a interação entre eles e o professor.

Contudo, podemos observar que algo bastante relevante não é citado nesse capítulo de maneira explícita: a importância do conhecimento que o aluno já possui ou precisa possuir (seus conhecimentos prévios, de mundo) para uma melhor leitura e interpretação do que será lido. Conforme apresenta Oliveira (2010a, p. 66):

[...] a leitura não é uma atividade exclusivamente linguística. O professor deve estar atento aos conhecimentos enciclopédicos e aos conhecimentos textuais de seus alunos. Esses dois tipos de conhecimentos, somados aos conhecimentos linguísticos, formam os conhecimentos prévios de uma pessoa.

A importância de formular atividades de pré-leitura é essencial para que esses conhecimentos sejam ativados na mente dos alunos. Assim, a leitura tornar-se-á mais prazerosa, interessante e de melhor compreensão. Percebemos que os autores dão importância a esses conhecimentos, analisando as atividades em si. Implicitamente, as atividades expostas na página 10 incentivam ao aluno a buscar seus conhecimentos prévios, para que a discussão proposta entre ele, o professor e seus colegas de sala possa acontecer a partir da observação dessas atividades a seguir:

FIGURA 03 – O que é leitura?

Não devemos pensar que o passado era necessariamente melhor. Há autores que se especializaram nesse tipo de diagnóstico pessimista. Acho, ao contrário, que hoje se lê mais do que nos anos 1950. Inclusive porque o computador não é apenas um novo veículo para imagens ou jogos. Ele é responsável também pela multiplicação da presença do escritor nas sociedades contemporâneas. No computador tanto se podem ler os clássicos como publicações acadêmicas e revistas em geral. Podem não ser necessariamente leituras fundamentais, enriquecedoras, mas são leituras.

(Roger Chartier. <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2479;1.shl>)



imgapaler/istock/Commeiga

Sempre li muito. Talvez por isso eu tenha feito faculdade de Letras. E sempre me envolvi com os romances de que gosto: curto, torço, roo as unhas, leio de novo um pedaço que tenha me agradado de forma particular. Se não gosto, largo no meio ou até no começo. O autor tem umas vinte a trinta páginas para me convencer de que seu livro vai fazer diferença, pois acredito piamente que a leitura faz a diferença. Se não faz, adeus! O livro volta pra estante e vou cuidar de outra coisa.

(Marisa Lajolo. www.livrariacultura.com.br)



Thinkstock/Getty Images

- 1.** Você notou que, entre os depoimentos, não há um consenso sobre o que é leitura nem sobre qual é o papel dela. Para alguns, leitura é informação, descoberta, viagem, válvula de escape; para outros, um meio de conhecer a si mesmo, já que ela permite ver a vida por novas perspectivas; e, ainda, é linguagem, prazer, a revelação dos nossos pensamentos e desejos na fala do outro. E para você, o que é leitura? Troque ideias com os seus colegas da classe.
- 2.** Alguns dos autores dos depoimentos entendem que a leitura amplia o olhar do ser humano, trazendo-lhe experiências reais e/ou imaginárias. Você concorda com esse ponto de vista? Por quê?
- 3.** Para o historiador Roger Chartier, as pessoas têm lido mais com o advento da Internet. Onde você lê mais: na Internet ou em livros e revistas impressos? Os textos que você lê na Internet têm qualidade? Troque ideias com o professor e a classe.
- 4.** Escreva um depoimento sobre o que a leitura tem representado para você. Quando terminar, dê a seu texto um título adequado, leia-o para os colegas e ouça o deles. Depois, passe-o a limpo, digitando ou caprichando na letra, e exponha-o num varal ou no mural da classe para que todos possam conhecer a sua experiência com a leitura.

Leitor competente e leitor crítico

A palavra **ler** tem muitos sentidos. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* apresenta, entre outros, os seguintes:

1 percorrer com a vista (texto, sintagma, palavra), interpretando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos (alfabéticos, ideográficos) e os sinais linguísticos próprios de uma língua natural (fonemas, palavras, indicações gramaticais)

10
UNIDADE 1

Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p.

Após o incentivo da reflexão proposta para ser feita em sala de aula a respeito da leitura e da importância desta para a nossa vida, encontramos a conceituação do que é leitura e do que é um leitor competente e um leitor crítico, das características de um leitor ativo perante algum texto, bem como da importância dos elementos da situação de produção, como o contexto, o interlocutor e a intencionalidade.

Gostaríamos de enfatizar a questão 03, onde os autores questionam “Os textos que você lê na internet têm qualidade?”. Por que não teriam? Porque estão no meio virtual? Qual a justificativa para uma pergunta desse tipo? Não há. Pois a

FIGURA 05 – Texto verbal e texto não verbal

TEXTO II Professor: O texto a seguir foi musicado pelo cantor e compositor Fagner. A canção recebeu o nome "Me leve" e pode ser ouvida no YouTube e ouvida no DVD *Fagner — Me leve ao vivo*.

Cantiga pra não morrer

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

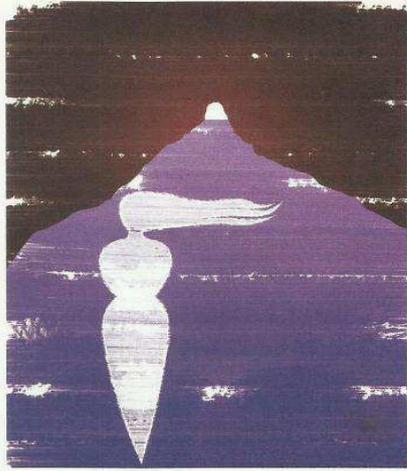
Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve,
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.

Moça de sonho e de neve,
me leve no esquecimento,
me leve.

(Ferreira Gullar, www.vagalume.com.br/ferreira-gullar/cantiga-pra-nao-morrer.html#xzz1PS0Av87R).



TEXTO III



Saudade (1899), de Almeida Júnior.

14 UNIDADE 1

Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p. 14)

O cartoon e as imagens são interessantes e auxiliam o aluno a pensar a respeito do que elas tratam e a refletir a relação entre elas, mesmo não tendo chegado ainda na atividade. O aluno passa, então, a fazer inferências e interpretar esses textos. Chegando às atividades, podemos perceber que elas não abrem espaço para o próprio aluno perceber o que está sendo dito pelos textos. Podemos perceber isso através da imagem das atividades relacionadas aos textos anteriormente mencionados:

FIGURA 06 – Texto verbal e texto não verbal

TEXTO VERBAL E TEXTO NÃO VERBAL **2**

1. O texto 1 é organizado em sete cenas.
 - a) Por que, supostamente, o marido se levantou da cama, na 2ª cena?
Para reclamar do barulho da música que vinha do andar de cima.
 - b) O que sugere a expressão da mulher, na 5ª cena?
Sugere que ela está satisfeita pelo fato de a música ter parado.
 - c) Compare a expressão do marido na 1ª e na 6ª cenas. Em que diferem?
Na 1ª cena, ele estava zangado; na 6ª cena, ele está feliz, pois está sorrindo.
 - d) Levante hipóteses: Aonde o marido está indo? O que teria acontecido no apartamento de cima? Ele está se mudando para o apartamento de cima, provavelmente porque lá é mais divertido ou porque conheceu alguém interessante.
2. O texto “Cantiga pra não morrer” diz respeito a relacionamento amoroso.
 - a) Que tipo de situação é imaginada pelo eu lírico do texto?
Uma situação de separação entre o eu lírico e a “menina branca de neve”, provavelmente a mulher amada.
 - b) Que apelo o eu lírico faz à “moça branca como a neve”?
O eu lírico faz um apelo para não ser esquecido, ou para que ela, de alguma forma, leve-o consigo.
 - c) Dê ao menos duas interpretações ao título do texto.
Entre outras possibilidades, o texto seria uma forma de canto, e cantar seria uma maneira de não morrer, talvez porque o canto possa aliviar a dor do eu lírico; o texto constitui um pedido insistente do eu lírico para não ser esquecido pela amada, o que para ele seria morrer.
3. O texto 3 é uma obra do pintor brasileiro Almeida Junior (1850-1899). Nela, uma mulher olha uma fotografia. Observe o título do quadro e responda:
 - a) Que sentimentos a postura física da mulher e sua expressão facial expressam?
Sentimentos de tristeza e saudade.
 - b) Por que a mulher está vestida de negro? Provavelmente porque está de luto, pois deve ter perdido alguém querido.
 - c) De quem você acha que é a foto? Pode ser do marido, do pai, de um filho ou de alguém que a mulher amava.
4. Compare os três textos.
 - a) O que eles têm em comum?
Os três textos abordam a separação de pessoas queridas, voluntária ou involuntariamente.
 - b) Em qual(is) dos textos o fim do relacionamento provoca sentimento de tristeza, saudade ou dor?
Nos textos 2 e 3.
 - c) Em qual(is) deles provoca alegria?
No texto 1.
5. Há textos que são constituídos apenas de imagem, outros apenas de palavras, outros de palavras e imagens.
 - a) Quais dos textos são constituídos basicamente de imagens?
Os textos 1 e III.
 - b) Qual é constituído apenas de palavras?
O texto II.
 - c) Qual deles sugere a presença da música, por meio de notas musicais?
O texto I.

Como vimos, um texto pode ser constituído apenas de linguagem verbal, como ocorre com a notícia, a carta ou a anedota; nesse caso, ele é chamado de **texto verbal**. Também pode ser constituído de linguagem visual, como a fotografia e a pintura; ou de linguagem musical, como uma música; ou da linguagem da dança, como um espetáculo de balé. Nesses casos, ele é chamado de **texto não verbal**. E pode, ainda, ser constituído pelo cruzamento de mais de uma linguagem, como, por exemplo, das linguagens verbal e visual, como os gráficos, as histórias em quadrinhos, o cinema; ou das linguagens verbal e musical, como a canção. Nesses casos, temos os textos em **linguagem mista**.

O produto final de toda enunciação, feita em que linguagem for, é chamado de **texto**. Assim, são textos: um gráfico, um cartum, uma pintura, uma melodia, um poema, um filme, uma escultura, etc. Em muitos casos, dependendo da situação, até mesmo o silêncio pode ser considerado um texto.



No final do século XIX, era comum as fotos apresentarem uma espécie de carimbo no verso.

A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS 15

Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p. 15)

As questões são formuladas de maneira que aluno volta para o texto e consegue identificar algo em destaque porque a pergunta da atividade induziu-lhe a isto, sem que ele faça uma leitura adequada e constate tal opinião.

Nas questões relacionadas ao texto 1, percebe-se esse fato quando os autores escrevem, “o marido se levantou da cama”, “a expressão da mulher na 5ª cena”, “Compare a expressão do marido na 1ª e 6ª cenas.”, “o que teria acontecido no apartamento de cima”. São questões “prontas” que levam o aluno a olhar para o texto com os olhos de outro interpretador. É necessário que o aluno sinta-se “livre” para interpretar e conceituar sobre o que ele lê.

Na primeira questão, o autor permite que o aluno possa ativar um pouco mais de seus conhecimentos, porém, nada muito além da interpretação a partir do que está posto. Na segunda, encontramos muitas informações que pouco contribuem para a reflexão do aluno, bem como a quarta e a quinta, em todas não se faz necessário que o leitor/aluno disponha de maiores exercícios além de simples inferências. Apenas na terceira questão encontramos uma proposta que exige que

esse mesmo leitor/aluno busque seus conhecimentos de mundo para compreender a pintura e, assim, responder ao que se pede adequadamente.

Koch e Elias (2011, p. 13) trazem a concepção de leitura com a interação autor-texto-leitor que faz toda diferença no ato de ler, quando mencionam:

[...] essa concepção de leitura, que põe em foco o leitor e seus conhecimentos em interação com o autor e o texto para a construção de sentido, vem merecendo a atenção de estudiosos do texto e alimentando muitas pesquisas e discussões sobre a sua importância para o ensino da leitura.

Faz-se necessário que exista tal interação para acontecer uma leitura adequada, seja de um texto verbal ou de um texto não verbal, sem muitas informações, para que o leitor/aluno entre num processo interacional com seus conhecimentos e com o que é apresentado nas imagens e textos.

Após as questões, o livro faz uma curta exposição de conteúdo com conceitos a respeito do que é texto verbal e texto não verbal, bem como do que é linguagem mista. Como o livro faz uma discussão curta sobre o assunto, é necessário que o professor faça mais discussões sobre o assunto em sala de aula, inclusive com mais exemplos de textos que se encaixem nessa conceituação.

4.3 A leitura em função do discurso

No capítulo 3, o LDP inicia a discussão do que é texto e discurso, apresentando duas pinturas de épocas e pintores diferentes ao lado de palavras de Bakhtin, demonstrando que nenhum discurso é original e que toda palavra é resposta à palavra do outro.

Logo em seguida, na página 21, apresenta uma charge para abordar, de maneira reflexiva, a relação entre o texto e o discurso. Antes de compreender o conceito de fato, o aluno, antes, tem a possibilidade de compreender o conteúdo através da charge e responder as questões através da sua reflexão da língua em uso, utilizando, ainda, seus conhecimentos prévios para chegar ao entendimento da charge e, assim, conseguir responder o que se pede, como nos apresenta a Figura 07.

FIGURA 07 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso

Texto e discurso

Leia a charge:



(Folha de S. Paulo, 9/12/2009.)

- A charge retrata uma reunião internacional sobre aquecimento global em Copenhague (leia o boxe abaixo). Analise o texto e levante hipóteses:
 - Quem são as três personagens sentadas à mesa? O que elas estão fazendo?
Provavelmente são representantes de países que participam do encontro; elas discutem como solucionar o problema do aquecimento global.
 - Quem está assistindo ao debate? Provavelmente são jornalistas de todo o mundo, que fazem a cobertura do evento.
 - Por que todos estão com fones de ouvido? Explique. Como se trata de um encontro internacional, os fones de ouvido permitem a tradução simultânea do que é falado.

O que foi a Convenção de Copenhague?

A Convenção de Copenhague, ocorrida em dezembro de 2009, em Copenhague, Dinamarca, foi o 15º encontro dos países signatários do acordo internacional que visa combater o aquecimento global.

Desde o início das atividades do acordo, firmado no Rio de Janeiro, em 1992, o mais frutífero encontro do grupo foi o de 1997, que elaborou o Protocolo de Kyoto.

- Servindo bebidas, o garçom diz: “Acabou o gelo”. Considerando o contexto e os papéis sociais dos envolvidos no ato comunicativo, responda:
 - Por que todos ficam desconcertados com a afirmação do garçom?
Porque, no contexto — uma discussão sobre aquecimento global —, o que mais se teme é justamente o fim das regiões frias do planeta.
 - Essa frase, dita em outro contexto comunicativo, causaria o mesmo mal-estar? Provavelmente não.
- Segundo o teórico russo Mikhail Bakhtin, o sentido dos enunciados está diretamente vinculado à situação em que são produzidos. Jean, o autor da charge, levou em conta esse dado para criar humor? Por quê?
Sim, pois o autor joga com os papéis sociais e com o contexto. As pessoas levam um susto com a afirmação porque momentaneamente não percebem que é o garçom quem está falando a frase, e não algum representante do debate internacional.

A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS 21

Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p. 21)

Em seguida, há uma atividade baseada nesse texto. No âmbito do texto e do discurso, o LPD analisado apresenta três questões na atividade. A primeira questão faz referência à interpretação da charge, analisando as cenas e personagens presentes na mesma. Para que essas questões sejam respondidas, se faz necessário ler o boxe que o próprio LDP traz, mas isso não é suficiente para que o aluno possa compreender a charge. Como sugestão para melhor compreensão do aluno, o professor pode falar sobre o tema, melhorando, assim, o entendimento dos alunos sobre o assunto da charge e auxiliando para que esse leitor/aluno busque informações que já estão em sua bagagem.

As questões 2 e 3 pedem uma explicação do professor, porém, exige do aluno a relação necessária para utilizar seus conhecimentos de mundo para uma melhor compreensão, conseqüente, entendimento do que é solicitado. Na questão 3, o LDP cita o teórico russo Mikhail Bakhtin para formular uma questão muito interessante sobre o discurso, o que faz com que o aluno reflita não só sobre o conteúdo abordado, mas sobre o assunto apresentado na charge. O aluno, então, passa a construir sentido e refletir acerca do tema abordado no texto a partir de acontecimentos encontrados no cotidiano.

Entre uma atividade e outra, os autores apresentam um texto conceitual sobre Texto verbal e Discurso, permitindo que o leitor/aluno, bem como o professor possam perceber se ainda existe alguma lacuna a respeito do entendimento do tema que é proposto. Logo após, o LDP aborda o outro conteúdo proposto para o capítulo: o Intertexto e o Interdiscurso. Ele faz isso usando dois poemas:

FIGURA 08 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso

A charge que você leu é um bom exemplo do uso que se pode fazer da linguagem verbal e dos efeitos de sentido criados em determinadas situações. Ela retrata uma situação comunicativa em que as personagens interagem por meio da linguagem. O garçom, que fala, é o **locutor**; as demais personagens são os **locutários**. Nessa situação comunicativa, a fala constitui o texto verbal.

Texto verbal é uma unidade linguística concreta, percebida pela audição (na fala) ou pela visão (na escrita), que tem unidade de sentido e intencionalidade comunicativa.

Como você pôde notar na charge, o enunciado (a fala) não é o único elemento responsável pela produção de sentido na interação verbal. Além dos enunciados, há nas situações comunicativas outros elementos que também auxiliam na construção do sentido, tais como os papéis sociais que os interlocutores desempenham (no caso da charge, o papel de representantes dos países, o de garçom e o de repórteres), a intenção do locutor (no caso, informar a falta de gelo para as bebidas), o conhecimento de mundo dos interlocutores (no caso, a consciência do problema do aquecimento global), as circunstâncias históricas ou sociais em que se dá a comunicação (no caso, a convenção em Copenhague para propor soluções e medidas para frear o aquecimento global), etc. Por outro lado, se consideramos que Jean, o autor, é o locutor do texto e que o texto pertence ao gênero **charge**, então percebemos que a intenção do locutor e a finalidade central do texto são criar humor e divertir.

A esse conjunto de fatores que formam a situação na qual o texto é produzido chamamos **contexto discursivo**. E ao conjunto da atividade comunicativa, ou seja, à reunião de texto e contexto discursivo, chamamos **discurso**.

Assim:

Discurso é a atividade comunicativa — constituída de texto e contexto discursivo (quem fala, com quem fala, com que finalidade, etc.) — capaz de gerar sentido desenvolvida entre interlocutores.

Intertexto e interdiscurso

Leia os textos a seguir. O primeiro foi escrito no século XIX por Casimiro de Abreu, poeta romântico. O segundo foi escrito por Oswald de Andrade, escritor modernista do século XX.

<p>Meus oito anos</p> <p>Oh! Que saudade que tenho Da aurora da minha vida, Da minha infância querida Que os anos não trazem mais Que amor, que sonhos, que flores Naquelas tardes fagueiras À sombra das bananeiras, Debaixo dos laranjais! [...]</p> <p><small>(Casimiro de Abreu. In: Antonio Candido e José A. Castello. <i>Presença da literatura brasileira</i>. São Paulo: Difel, 1968. p. 86.)</small></p>	<p>Meus oito anos</p> <p>Oh que saudades que eu tenho Da aurora de minha vida De minha infância querida Que os anos não trazem mais Naquele quintal de terra Da Rua de Santo Antônio Debaixo da bananeira Sem nenhum laranjais. [...]</p> <p><small>(Oswald de Andrade. <i>Poesias reunidas</i>. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.)</small></p>	 <p><small>Genaro Silveira</small></p>
---	---	---

fagueira: agradável, amora.

22 UNIDADE 1

Em seguida, na página 23, o LDP apresenta três questões relacionadas aos poemas. Todas as questões têm algo em comum: a opinião do autor. As questões solicitam que o aluno volte aos poemas e verifique o que os autores quiseram dizer: “[...] a leitura, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 10).

FIGURA 09 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso

3

TEXTO E DISCURSO — INTERTEXTO E INTERDISCURSO

1. Ambos os poemas se intitulam “Meus oito anos”. Compare-os.
 - a) Qual é o tema de ambos os textos? A infância.
 - b) Como o tema é abordado no poema de Casimiro de Abreu? A infância é vista de modo idealizado; tudo nela parece ser perfeito, rodeado por “amor”, “sonhos” e “flores”.
 - c) E como é abordado no poema de Oswald de Andrade? No poema de Oswald de Andrade, a “perfeição” é substituída por um simples “quintal de terra”, um espaço concreto e comum, sem idealizações.

2. Oswald de Andrade cita explicitamente o poema de Casimiro de Abreu, mas muda alguns de seus elementos, como o verso “debaixo dos laranjais”, que troca por “sem nenhum laranjais”.
 - a) Como você explica a concordância, ou a falta de concordância, em “sem nenhum laranjais”? O poema está se referindo aos laranjais citados por Casimiro de Abreu em “Meus oito anos”.
 - b) Que efeito de sentido essa opção provoca no texto? Oswald de Andrade ironiza, crítica e desmitifica a infância ideal de Casimiro, como que dizendo: na minha infância havia bananeiras (árvore bem mais típica de paisagem nacional do que as laranjeiras), mas não havia os tais “laranjais” citados pelo poeta romântico.
 - c) Na opinião do poeta modernista, como seria uma infância de verdade, no Brasil? Seria vivida por crianças brincando em quintais de terra, embaixo de bananeiras, e não por crianças “sonhando” embaixo de laranjais.

3. Os dois poemas podem ser tomados como *discursos*, isto é, textos produzidos por um locutor numa determinada situação histórica e com a finalidade de criar certos sentidos, de atingir determinados interlocutores, etc. Levando em conta que todo discurso reflete uma ideologia, isto é, uma forma particular de ver e pensar o mundo, responda:
 - a) O discurso de Oswald de Andrade confirma, aplaude ou nega o discurso de Casimiro de Abreu? Nega, pois rejeita a idealização da infância.
 - b) Que efeito o discurso de Oswald provoca no leitor do texto? Riso e crítica.

Oswald de Andrade fez em seu poema uma citação do poema de Casimiro de Abreu. Quando um texto cita outro, dizemos que entre eles existe **intertextualidade**.

Dialogismo: a linguagem são no mínimo dois

Segundo o teórico russo Mikhail Bakhtin, a linguagem é, por natureza, *dialogica*, isto é, sempre estabelece o diálogo entre pelo menos dois seres, dois discursos, duas palavras. Diz Bakhtin:

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem autossuficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro. Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal [...]. Cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros; pressupõe que já são conhecidos, e de alguma forma os leva em conta.

(Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 216.)

Intertextualidade é a relação entre dois textos caracterizada por um citar o outro.

O texto de Oswald, entretanto, não é uma mera citação do texto de Casimiro. Com seu poema, Oswald pretendia *dialogar* com o poeta romântico, contrapor dois discursos, duas ideologias, duas formas de ver o mundo. Para Oswald, a infância é uma fase muito mais simples e concreta da vida do que para Casimiro, que a vê como sinônimo de perfeição, “amor”, “sonhos”, “flores”. Nesse caso, como há um diálogo entre os dois discursos, dizemos que, além de intertextualidade, existe entre eles também **interdiscursividade**.

A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS 23

Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p. 23)

Sabemos que, em se tratando do conteúdo que está sendo exposto, é necessário interpretar a intenção de cada autor, contudo, também é importante a

compreensão do aluno sob sua própria ótica. É importante que o aluno seja estimulado a perceber além do que já está dito, do que está posto para que, assim, tenha a necessidade de explorar tudo o que fica subentendido com o auxílio dos seus conhecimentos prévios.

Após essas atividades, Cereja e Cleto (2013) expõem conceitos a respeito do que é o Dialogismo proposto por Bakhtin e sobre Intertextualidade e Interdiscursividade. Em seguida apresenta mais atividades: na página 25, a partir de duas imagens parecidas, porém, de diferentes épocas e autores, trabalha com os conceitos anteriormente expostos em 3 itens, dos quais 2 não incentivam a reflexão no leitor/aluno e apenas 1 item da primeira atividade faz com que esse leitor busque seus conhecimentos de mundo, bem como a reflexão sobre a sociedade em que vive.

FIGURA 10 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso

TEXTO E DISCURSO — INTERTEXTO E INTERDISCURSO 3



Narciso, a partir de Caravaggio (2005), de Vik Muniz.

Quem é Narciso?

Segundo a mitologia grega, Narciso era um rapaz muito bonito. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que o menino teria vida longa, mas nunca deveria contemplar a própria beleza.

Certa vez, ao observar seu reflexo nas águas de um lago, apaixonou-se pela própria imagem. Embevecido, ficou a contemplá-la até morrer. No lugar onde Narciso morreu, nasceu uma flor, à qual foi dado seu nome.



Gary Hynes/Brandenburg/REUTERS/Corbis

- 1.** Inspirada na mitologia grega, a pintura *Narciso*, de Caravaggio, é uma das mais famosas do mundo. Vik Muniz, quatro séculos depois, cita e recria a obra de Caravaggio, utilizando materiais retirados do lixo, como pneus usados, balde de plástico e até uma geladeira velha.

 - a) Que aspecto do mito grego foi retratado por Caravaggio em sua pintura?
A autocontemplação, o embevecimento por si próprio.
 - b) Levante hipóteses e troque ideias com os colegas: Que sentido pode ter a recriação de Vik Muniz? Professor: Sugerimos abrir a discussão com a classe, pois há mais de uma hipótese interpretativa. Entre elas, o *Narciso* de Vik Muniz pode sugerir uma reflexão sobre o belo na criação artística, já que a obra contempla dois opostos: a beleza, por um lado, e, por outro, o grotesco do lixo. Pode também ser um questionamento sobre a sociedade de consumo dos séculos XX e XXI, em que tudo se tornou descartável. Uma sociedade em que o homem se preocupa apenas em ter, voltando-se para si próprio, numa atitude narcísica.
- 2.** O quadro de Vik Muniz mantém um diálogo com o de Caravaggio. Esse diálogo constitui uma relação intertextual ou interdiscursiva? Explique. Constitui uma clara relação intertextual, pois cita diretamente o quadro de Caravaggio; e também uma relação interdiscursiva, pois, ao trabalhar a imagem com materiais retirados do lixo, põe em discussão a própria arte ou a concepção artística de que a arte é a expressão do belo. Assim, Vik Muniz constrói um novo discurso pictórico, crítico e irônico.

Quem é Vik Muniz?

Vicente José de Oliveira Muniz (1961), conhecido como Vik Muniz, é um artista plástico brasileiro de reconhecimento internacional. Vive atualmente em Nova Iorque.

O ineditismo do artista consiste em utilizar em seus trabalhos novas mídias e novos materiais. Criou, por exemplo, duas réplicas da *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci: uma feita com geleia e outra com manteiga de amendoim.

A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS 25

Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p. 24)

Já na página 26, por meio de uma tirinha da Mafalda, as atividades apresentadas não fazem com que o leitor/aluno leia além do que é necessário para uma leitura parcial, basta a interpretação do que está posto para resolução das três atividades propostas.

FIGURA 11 – Texto e discurso / intertexto e interdiscurso

A intencionalidade discursiva

Leia a tira:



(Quino. *Mafalda aprende a ler*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 38.)

- 1.** A tira retrata uma situação em que pai e mãe conversam sobre a filha, Mafalda. Observe e analise o 1º e o 2º quadrinhos:
 - a)** No 1º quadrinho, como se sente o pai ao dizer que a filha já vai para a escola? Justifique sua resposta com elementos verbais e não verbais da tira.
Além de ele dizer "Que alegria", a expressão facial dele é de contentamento.
 - b)** Como se sente a mãe de Mafalda no 2º quadrinho? Justifique. Ela demonstra estar ainda mais empolgada, pois diz "É maravilhoso" e mostra contentamento na expressão do rosto e no gesto das mãos.
- 2.** Compare o 3º quadrinho aos dois primeiros. O que você nota de diferente?
O pai e a mãe ficam calados e mudam a expressão corporal; parecem pensativos, reflexivos, lembrando o que acabaram de conversar.
- 3.** No 4º quadrinho, o pai e a mãe falam simultaneamente uma frase já dita: "Temos uma filha que já vai para a escola!". Interprete, considerando toda a tira:
 - a)** O que o uso do negrito nessa frase sugere?
Sugere que ambos disseram a frase de modo exaltado, talvez aflito.
 - b)** No 4º quadrinho, essa frase tem o mesmo sentido que no 2º quadrinho?
Justifique sua resposta com elementos do texto. Não; no 4º quadrinho, a frase, somada à expressão facial dos pais, conota espanto e preocupação, pois eles percebem que estão ficando velhos, o que é comprovado pelo último quadrinho, que mostra como eles estão se sentindo.

A tira é um bom exemplo de como a produção do discurso e a construção do sentido não dependem apenas dos elementos verbais de um enunciado, mas também dos elementos extra-verbais. Como você viu, a mesma fala, em contextos diferentes, expressa sentidos diferentes. No 2º quadrinho, a mãe de Mafalda diz a frase "Temos uma filha que já vai para a escola!" com a intenção de manifestar sua alegria e entusiasmo; no 4º quadrinho, entretanto, a mesma frase expressa um sentido diferente, pois é dita a partir de uma intencionalidade diferente. A alteração da expressão facial e corporal do casal no 5º quadrinho demonstra que o contexto agora é outro, pois o casal toma consciência de que está envelhecendo rapidamente. Logo, em vez de a fala expressar alegria, satisfação, passa a expressar, nesse novo contexto, espanto e preocupação.

Assim, em qualquer situação de produção de discurso, devem ser considerados todos os elementos do contexto: quem fala, com quem fala, em que momento, a intencionalidade do enunciado, o veículo, o suporte, etc. Se um desses elementos não for considerado, a finalidade da interação verbal pode ficar comprometida.

26

UNIDADE 1

Fonte: (CEREJA; CLETO, 2013, p. 26)

Nesse momento, chamamos a última categoria de análise.

4.4 A leitura em função dos gêneros do discurso

O capítulo 4 do LDP inicia apresentando a relação existente entre os gêneros do discurso e a sociedade em que vivemos, bem como a necessidade de perceber a importância de se conhecê-los para ter sucesso no aprendizado da leitura e da produção de textos. Apresenta um conto, a letra de uma música, uma história em quadrinhos, um anúncio publicitário e um verbete de dicionário para dar início as atividades propostas.

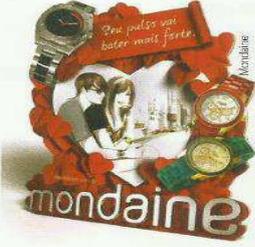
FIGURA 12 – Gêneros do discurso

GÊNEROS DO DISCURSO 4

TEXTO III



TEXTO IV



TEXTO V

a.mor: sm 1. afeição acentuada de uma pessoa por outra; 2. objeto de afeição; 3. [...] pessoa amada; 4. zelo, cuidado.

(Soares Amora. *Minidicionário*. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 38.)

1. Os textos são bastante diferentes entre si, pois foram produzidos em situações diversas, com finalidades específicas. Apesar disso, todos eles têm algo em comum. Qual é a semelhança entre eles? Todos eles abordam o amor como tema ou como motivo.
2. O texto "Diálogo final" apresenta frases curtas, linguagem truncada, e esse traço formal pode estar relacionado com o conteúdo do texto.
 - a) Que situação, vivida pelo casal, o texto aborda? O fim do relacionamento amoroso.
 - b) Que relação pode haver entre essa situação e o modo como as personagens travam o diálogo? A linguagem truncada reforça o clima tenso, a falta de comunicação, as dificuldades do relacionamento.
 - c) O que supostamente o homem gostaria que a mulher dissesse? Provavelmente gostaria que ela explicasse o rompimento amoroso.
 - d) Qual é a verdadeira intenção do homem ao insistir nas perguntas? Mantê-lo no diálogo com ela e, assim, discutindo e esclarecendo o que não deu certo, talvez continuar o relacionamento.
3. O texto III é uma tira do quadrinista argentino Nik, criador das personagens Gaturro e Ágatha. A fim de preservar seus recursos expressivos, o texto verbal está reproduzido sem tradução. Apesar de o texto verbal ser em espanhol, há nos quadrinhos duas palavras da língua inglesa: *off* e *on*.

A LEITURA E A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS 35

As questões possuem as mesmas características das anteriores. São questões prontas, que induzem o aluno a uma resposta sem maiores dificuldades ou explicações. As próprias perguntas já indicam uma interpretação, sendo essa mais uma característica presente na atividade: invoca, apenas, a interpretação.

As questões 1, 2, 3 e 4 se restringem, unicamente, a interpretação textual. Na questão 3, temos mais um detalhe que poderia ter sido evidenciado pelo LDP: a língua estrangeira presente no quadrinho também pode ser evidenciada como uma forma de discurso.

As questões 5 e 6 são de identificação, o que não contribui muito para a compreensão do aluno quanto ao conteúdo, caso não tenha a mediação do professor. O que também identificamos em nossa análise é o distanciamento da atividade com o conteúdo. Sem o auxílio do professor, o aluno não compreenderá que conteúdo de fato se relaciona com as questões, pois o gênero do discurso não é enfatizado. Uma exposição do conteúdo é feita no final do capítulo, mas não com tanta clareza. Nesse caso, o professor deve expor o conteúdo previamente e com maior expansividade, para que o aluno possa compreender melhor o conteúdo e fazer uma leitura mais prazerosa dos textos que o LDP apresenta para, assim, poder relacionar em que o processo de compreensão da natureza dos gêneros discursivos influencia e contribui para seu aprendizado da leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho realizado, constatamos que, no sentido de responder as questões-problema assumidas para esta pesquisa, a saber: Qual a abordagem que o livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Médio realiza a respeito da leitura?, evidenciamos que a abordagem da leitura feita pelo LDP é, por vezes, pertinente, outras nem tanto. Verificamos que o livro traz vários gêneros discursivos e com temas relevantes para serem discutidos em sala de aula. Os assuntos são diversos e atuais. Os âmbitos social e cultural estão presentes. Isso torna a leitura muito mais interessante.

Mas, as atividades formuladas para discutir os textos são, na sua maioria, atividades de identificação, apenas. A interpretação sob o olhar crítico e opinião própria do aluno fica um pouco de lado, pois, como verificamos anteriormente no capítulo 6, as atividades sugerem suas respostas, dando indícios da interpretação do LDP, não abrindo espaço para o aluno expandir sentidos. É nesse momento que o professor deve intervir de forma a aprimorar tais atividades. Tudo isso, para que o aluno leitor tenha mais espaço para expor seus pensamentos e pontos de vista.

Verificamos, também, que, por muitas vezes, o conteúdo só era expresso após as atividades, e se não houver a intervenção do professor, o aluno responde questões sem saber qual conteúdo, de fato, está sendo transmitido. O aluno precisa compreender o conteúdo, após isso, estar apto a responder exercícios.

O ato de ler é um processo que enriquece o leitor de informações, ideias, opiniões, além de aprimorar a argumentação, interpretação e, conseqüentemente, a própria leitura. Sendo assim, a leitura aumentará o nível de conhecimento do aluno. Isso contribuirá, de forma grandiosa, o desenvolvimento do aluno em sala de aula. E, para isso, atividades bem elaboradas e conteúdos construídos de forma mais abrangente conduzirão o professor a alcançar melhores resultados.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. A. G.; ROJO, R. Livros escolares no Brasil: a produção científica. In: VAL, Maria das Graças Costa; MARCUSCHI, Beth. (Orgs.). *Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 13-45.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- JOUBE, V. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- KOCH, I. V; ELIAS, V, M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. 5. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LUDWING, A. C. W. *Fundamentos e Prática de Metodologia Científica*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MARCUSCHI, B. Livro didático de Língua Portuguesa: políticas públicas e perspectivas de ensino. In: MILREU, I.; RODRIGUES, M. C. (Orgs.). *Ensino de Língua e Literatura: Políticas, Práticas e Projetos*. Campina Grande: Bagagem/UFCG, 2012, p. 35-54.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010a.
- OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.
- PATRIOTA, L. M. *A tradição discursiva no livro didático de português: mudanças e permanências ao longo dos séculos XX e XXI*. Tese (Doutorado em Linguística). UFPB, 2011.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- SOUZA, C. S.; PÔRTO, E. S. Leitura e análise linguística na EJA: buscando caminhos. In.: XAVIER, M. M.; ROSAS DE ARAÚJO, P. S. (Orgs.). *Professor, pra quê serve português?: Vivências em formação docente*. João Pessoa: Ideia, 2015, p. 214-238.